



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARLI FERREIRA DA SILVA FERRAZ

**A IMPORTÂNCIA E OS EFEITOS DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA
ESCOLAR DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

MARLI FERREIRA DA SILVA FERRAZ

**A IMPORTÂNCIA E OS EFEITOS DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA
ESCOLAR DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

MARLI FERREIRA DA SILVA FERRAZ

**A IMPORTÂNCIA E OS EFEITOS DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA
ESCOLAR DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em humanidades.

Aprovado em: 20/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profe. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	6
2	PROBLEMA	7
3	JUSTIFICATIVA	7
3.1	REVISÃO DA LITERATURA	10
4	OBJETIVOS	12
4.1	OBJETIVO GERAL	12
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
5	HIPÓTESES	12
6	QUADRO TEÓRICO	13
6.1	FAMÍLIA	13
6.2	SOCIALIZAÇÃO	15
6.3	PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	17
7	METODOLOGIA	19
8	CRONOGRAMA	20
	REFERÊNCIAS	21

1 APRESENTAÇÃO

Pensando na importância da parceria entre a família e a escola e como ambas podem contribuir com o desenvolvimento do indivíduo, que optei por desenvolver o presente projeto de pesquisa. Em um primeiro momento, foi a partir de uma vivência pessoal ao participar da reunião de pais e mestres na escola em que meu filho estuda, percebi que o quantitativo de alunos era sempre superior a quantidade de pais presentes. Nessas ocasiões, sempre ouvia/ouço comentários que, algumas das vezes, partiam/partem dos próprios professores e outras, dos pais. O teor dos comentários é/era sempre o seguinte: quem mais precisa estar aqui, não está. A referência era direcionada aos alunos/as que, normalmente, têm comportamentos reprovados tanto pelos professores quanto pelos colegas. Diante da situação ocorrida algumas vezes, que interessei-me em compreender melhor o que ocorria.

A relação família e escola não é um assunto qualquer e sim, de extrema complexidade, já que, o mesmo indivíduo que está inserido no ambiente familiar como filho, é, ao mesmo tempo, aquele que está no espaço escolar, como aluno. De acordo com Castro e Regattieri (2010, p. 14), a passagem de filho a aluno não é uma operação automática e, dependendo da distância entre o universo familiar e o escolar, ela pode ser traumática. Com isso, é possível entender a importância das principais instituições socializadoras, a família por se tratar da primeira instituição capaz de transmitir os conhecimentos para a criança e a escola, responsável pelo ensino e a aprendizagem, institucionalizados. Considerando os motivos citados, resolvi desenvolver o projeto de pesquisa em uma escola pública do ensino fundamental, no município de Candeias-Bahia.

De acordo com informações da Prefeitura, a origem do município de Candeias data de meados do século XVI, tendo surgido das terras conhecidas como Matoim, sesmaria importante naquele período, pois abrigava os Engenhos de Cabôto e freguesia, oriundos das terras dos Engenhos Pitanga e da Freguesia de Nossa Senhora de Encarnação do Passé. Essas localidades deixaram uma marca significativa de uma época na qual predominava o ciclo da Cana-de-Açúcar, etapa fundamental na formação da Bahia, principalmente do Recôncavo, determinante na estruturação ética e cultural da população local, como também, de suas características socioeconômicas. A origem do nome Candeias, simboliza luz. Localizada na região metropolitana de Salvador-Ba, foi emancipada em 14 de Agosto

de 1958; tem uma população estimada, em 2017, pelo IBGE, em 89.707 habitantes, sendo em sua maioria, afrodescendentes.

2 PROBLEMA

A partir do mencionado e considerando a importância e a complexidade da relação e da parceria necessária entre a família e a escola, teço a seguinte questão problematizadora: De que maneira a escola desenvolve estratégias visando a melhoria da aprendizagem e do desempenho escolar de alunos frequentadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

3 JUSTIFICATIVA

De acordo com Rego (2003, apud DESSEN & POLÔNIA, 2007, p. 22), a escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão. Dessa forma, é possível entender que esta relação - se praticada de forma responsável -, será benéfica para ambas as instituições e impactará, significativamente na constituição da sociedade. Nesse sentido, de acordo com Davies & Cols (1997); Rego (2003), descrito por DESSEN & POLÔNIA, (2007, p. 25), a “escola emerge, portanto, como uma instituição fundamental para o indivíduo e sua constituição, assim como para a evolução da sociedade e da humanidade.”

A relação família e escola é um tema que tem sido discutido por muitos pesquisadores da Sociologia da Educação, e profissionais da área, por se tratar de organizações que fazem parte do processo de socialização do indivíduo. De acordo com (DESSSEN & POLÔNIA, 2007, p.22), essa relação é, sobretudo nos dias de hoje, uma das mais palpitantes questões discutidas por pesquisadores e/ou gestores dos sistemas e unidades de ensino, em quase todo o mundo. Ainda, de acordo com as autoras, ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Sendo assim, é possível afirmar que

as instituições são responsáveis pelo desenvolvimento do indivíduo, podendo impulsioná-lo ou intimidá-lo.

Para Montandon e Perrenoud (1987apud Filho, 2000, p. 44), “de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família”. Sendo assim, levando em consideração a instituição família ao longo da história, é sabido que na época medieval ela era “uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (ARIÈS, 2006, apud ALMEIDA, 2014, p. 13). A mesma autora nos explica que não havia separação entre a criança e o adulto, “assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos”. (ARIÈS, 2006, apud ALMEIDA, 2014, p. 13).

Naquele período, a educação para as crianças tinha outras prioridades, já que, a mesma ensinada unicamente o preparo para o trabalho, ou seja, sem haver divisão entre uma criança e um adulto, a forma de educá-la era, preparando-as para o futuro com uma profissão, sem dar o devido valor a um ser em formação, frágil e ingênuo. A exemplo disso ARIÈS (2006, apud ALMEIDA, (2014, p.13), afirma que "era através do serviço doméstico que o mestre transmitia à uma criança, não ao seu filho, mas ao filho do outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir”.

Em relação à escola, na idade média esta não era acessível para todas as crianças, apenas para um número reduzido, com objetivo de ensinar e formar a criança, pensando em seu princípio moral e intelectual. Também, no século XVII, a idade da criança parecia não ser algo relevante, o que importava mesmo era a disciplina que ela tinha que aprender para exercer futuramente. De acordo com Almeida (2014, p. 13), “a educação destinada para as crianças acontecia com o objetivo de ensinar à ela um ofício, ou seja, a profissão que posteriormente iria trabalhar.”, Ainda, seguindo Almeida (2014, p. 13), com o passar do tempo as coisas foram mudando e um novo sentimento de infância surge e, a criança passa a receber uma atenção maior por meio dos adultos.

Com o novo olhar sobre a infância, a criança passou a ser vista como criança – conforme na contemporaneidade - no meio familiar, ou seja, com outros objetivos pautados, como, por exemplo, ver e sentir a existência de um ser em formação digno de cuidado e atenção e não mais exclusivamente ao princípios morais e intelectuais, e com uma educação voltada ao profissionalismo. Assim, como na família, o âmbito

escolar sofreu alterações a partir do século XV, deixando de ser um espaço privilegiado para uma pequena parte da população, para atender o universo familiar mais pobre. “Tendo se tornado quase impossível a transmissão direta dos ofícios dos pais aos filhos, o processo de profissionalização passa cada vez mais por agências específicas, dentre as quais a mais importante é, sem dúvida, a escola.” (Nogueira, 2006, apud ALMEIDA, 2014, p. 14).

Para Rego (2003) mencionado por (ALMEIDA, 2014, p. 14), a família e a escola dividem funções sociais, políticas e educacionais, colaborando e influenciando na formação do indivíduo. Com a mesma argumentação, Dessem e Polônia (2007, apud ALMEIDA (2014 p.) definem que:

Na instituição escolar, os conteúdos curriculares certificam o ensino e a aprendizagem do conhecimento onde há uma maior preocupação por parte da escola. Na família, as preocupações principais já são outras, entre elas, o processo de socialização da criança, como também a proteção, as condições básicas e também o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo de seus componentes.

Como é possível perceber, a problemática família e instituição vem de períodos longínquos, sendo assim, o presente projeto se justifica, pois, os desafios para a construção de uma relação baseada no respeito e em prol das crianças, se ampliaram, na atualidade. Este trabalho é importante e significativo em diferentes aspectos, tais como: acadêmico, social e político. No âmbito social, por exemplo, contribuirá para que mais pessoas possam acessar informações sobre como vem sendo construídas tanto pelas escolas quanto pelas famílias, estratégias e possibilidades que assegurem a aprendizagem, principalmente dos alunos e alunas inseridos no Ensino Fundamental.

A opção pelo Ensino Fundamental é em função das situações relatadas na apresentação e, também, pelas modificações ocorridas nesta etapa da Educação Básica, a partir da aprovação da Lei no 11.274/2006, que inclui as crianças de seis anos de idade que anteriormente, estavam majoritariamente, incorporadas ao ensino pré-escolar. De acordo com o Ministério da Educação (2007, p. 7),

Faz-se necessário, ainda, que os sistemas de ensino garantam às crianças de seis anos de idade, ingressantes no ensino fundamental, nove anos de estudo nessa etapa da educação básica. Durante o período de transição entre as duas estruturas, os sistemas devem administrar uma proposta curricular que assegure as aprendizagens necessárias ao prosseguimento, com sucesso, nos estudos tanto às crianças de seis anos quanto às de sete

anos de idade que estão ingressando no ensino fundamental de nove anos, bem como àquelas ingressantes no, até então, ensino fundamental de oito anos.

O processo de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, desde 2006, vem sendo implementado, trazendo, certamente, a ampliação dos desafios, sempre presentes nas relações entre a escola e a família.

3.1 REVISÃO DA LITERATURA

Apesar de necessária, nem sempre a aproximação entre família e escola é possível e acontece harmoniosamente, devido a alguns motivos que afetam o relacionamento entre ambas instituições. Para Lareau (1987 apud MOREIRA & SILVA, 2015, p. 5), vários são os fatores que integram a relação família-escola, sejam eles financeiro, baixo ou alto nível de escolarização, localidade onde mora, costumes, religião, número de filhos e até mesmo, a profissão dos pais. Mesmo existindo problemas, que é possível, em dado momento existir, as instituições tradicionais responsáveis em perpassar o processo contínuo de educação - cada uma com sua responsabilidade específica -, precisam encontrar meios para solucionar o espaço vazio muitas das vezes deixado por ambas, como nos mostra Piaget (2007, apud MOREIRA & SILVA, 2015 p. 50)

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais e ao proporcionar reciprocamente aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

Ainda, de acordo com Malavazi (2000) mencionado por MOREIRA & SILVA (2015, p. 258), cada instituição deve assumir o seu papel “algumas atribuições são específicas da família, que tem o direito de reivindicá-las para si, enquanto outras cabem à escola, que, pela sua natureza, poderá ocupar-se melhor delas”.

No entanto, vale a pena lembrar que da mesma forma que o conceito de infância sofreu mudanças ao longo do tempo, os direitos relacionados às crianças também. Sendo assim, desde 1987 quando passou a vigorar a Carta Internacional dos Direitos da Criança, as atribuições dos adultos em relação à elas mudaram, e a

convivência entre escola e família, passou a ser gerido também por normas e leis. Como comenta Castro e Regattieri (2010, p. 29), tanto no Estatuto da Criança e do Adolescente quanto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a efetividade do direito à educação das crianças e dos adolescentes, deve contar com a ação integrada dos agentes escolares e pais ou responsáveis.

O que observamos é que tanto a LDB quanto o ECA, são transparentes quanto a participação dos pais e escola, no processo de educação da criança e do adolescente. Ainda, para aquelas autoras, (2010, p. 32), além de representantes dos filhos, os familiares têm sido estimulados, inclusive pela legislação educacional – a interagir com os profissionais da educação também como cidadãos que compõem a esfera pública da instituição escolar. Para POLÔNIA & DESSEN, (2005, 2007 p. 27)

As pesquisas têm demonstrado que os pais estão constantemente preocupados e envolvidos com as atividades escolares dos filhos e que dirigem sua atenção à avaliação do aproveitamento escolar, sendo isto independentemente do nível socioeconômico ou escolaridade.

Em comparação, para Carvalho (2000, p.151) “o modelo de parceria família-escola pressupõe a típica família de classe média, cuja mãe se dedica exclusivamente aos filhos e ao lar. Ainda, para ela (p. 152), o fato mais grave, porém, é que este modelo de família já não é mais predominante. Sendo assim, não é por acaso que vem crescendo a oferta de reforço escolar por professoras particulares que atendem os estudantes da vizinhança no seu próprio domicílio ou no domicílio do estudante. Como observa David (1980, 1989) citado por CARVALHO, 2000, p. 152):

A organização do trabalho (destinada aos homens) e a da escola (destinada às crianças) são incompatíveis tanto em termos da jornada diária (8 horas de trabalho e 4 horas de escola) como da anual (11 meses de trabalho e 9 meses de escola) porque pressupõem uma mãe disponível diariamente e durante todo o ano.

É assim que para Swap, (1993 apud CARVALHO, 2000, p.145), a participação dos pais na educação escolar tem sido retoricamente construída tanto como problema quanto como solução para elevar a produtividade escolar e, em especial, o aproveitamento acadêmico dos grupos em desvantagem social, em prol do sucesso tanto do indivíduo quanto da nação.

Considerando o posicionamento dos autores citados é que cabe a pergunta: De que forma os pais podem participar mais do cotidiano escolar e na vida dos filhos

neste ambiente? Já que vivemos em contexto social onde há diversos tipos de famílias, inclusive os lares de mães solteiras trabalhadoras, que são as provedoras do lar. Segundo Carvalho (2000, p.178) mencionado por Gebara e Gomes, (2011, p. 118) “as escolas fazem pesadas exigências quanto à organização da vida familiar e às práticas das mães, o que não é mais razoável, considerando-se as recentes mudanças na estrutura familiar”.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a relação estabelecida entre família e escola, visando o desenvolvimento da aprendizagem de alunos inseridos nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar quais as principais dificuldades enfrentadas pelos pais, para acompanhar o processo de aprendizagem de seus filhos;
- ✓ Identificar a visão de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, em relação a parceria escola e família, visando o desempenho escolar dos alunos;
- ✓ Identificar e analisar as estratégias desenvolvidas pela escola, para estimular a presença dos pais no espaço escolar.
- ✓ Compreender quais as estratégias utilizadas pela coordenação pedagógica da escola, frente a um processo mais participativo por parte dos pais.

5 HIPÓTESES

Diante do tema da pesquisa, surgiram as seguintes hipóteses:

- ✓ Devido as mudanças ocorridas no meio familiar, as crianças cujas mães tem dupla jornada de trabalho, tem mais dificuldades em seu processo de aprendizagem;
- ✓ Pais que participam ativamente na vida escolar dos filhos, asseguram melhor desempenho escolar de seus filhos;

6 QUADRO TEÓRICO

O quadro teórico em questão, segue as orientações do Professor Antônio Joaquim Severino, em seu livro Metodologia do Trabalho Científico (2007). Ao nos ensinar sobre a estrutura para a elaboração de um projeto, ele nos diz que tal quadro “trata de esclarecer as várias categorias que serão utilizadas para dar conta dos fenômenos a serem abordados e explicados” (p.131). Sendo assim que - neste momento, podendo ser ampliadas - consideramos fundamental, para a análise dos dados que serão coletados, as categorias que seguem:

6.1 FAMÍLIA

Por muitos anos o termo família é um assunto que permeia debates e discussões. Quem pensa que este tema não é de interesse de pesquisadores, se engana. De acordo com (NOGUEIRA, 2005, p.563)

Não seria correto afirmar que a categoria «família» só recentemente surgiu na pesquisa sociológica em educação, pois, ao menos no nível macroscópico de análise, a família já se fazia presente na literatura desde as décadas de 50-60, com a corrente de pesquisas hegemônica à época e que hoje denominamos «empirismo metodológico».

No início da pesquisa sociológica, em volta da temática família, outros aspectos ou fatores eram levados em conta para o desenvolvimento dos trabalhos. Ainda, para Nogueira, (2005, p. 564):

De um modo geral, tais pesquisas se atinham sobretudo às características morfológicas do grupo familiar, expressas através de variáveis como a renda,

o nível de instrução e a ocupação dos pais, o número de filhos, o lugar da criança na fratria, etc.

Ao mencionar sobre a importância que a família tem para o indivíduo, não é possível esquecer as mudanças que a mesma vem sofrendo, e, por conseguinte, os questionamento. Será que a participação dos pais na vida escolar dos filhos é possível em meio a tantas mudanças? E quando direcionamos as mutações de gênero, o que os intelectuais dizem sobre isso? Vejamos o que (GOMES & GEBARA, 2011, p.123) afirmam:

Entre as mudanças consideradas significativas pelos estudos sociológicos efetuados durante o século XX, sobretudo a partir da sua segunda metade, estão as ocorridas nas situações das mulheres e as relacionadas com a família.

Seguindo as autoras, tais mudanças possibilitaram uma organização política das mulheres as quais, por meio da organização dos movimentos sociais, com destaque especial ao movimento feminista, tornaram-se as principais indagadoras não somente da condição da mulher nos contextos de desigualdades como, também, do seu lugar na família, a liberdade do corpo, os direitos reprodutivos, a livre orientação sexual, entre outros.

No Brasil, segundo dados do Censo do IBGE (2000), as famílias onde as mulheres são as únicas provedoras representam 24,9% dos domicílios, sendo 25,6% das do Sudeste, monoparentais. Dessa forma, ao se discutir a relação escola e família, é necessário considerar as condições e especificidades delas, como, por exemplo, o seu acompanhamento e auxílio em relação às atividades escolares dos filhos ou a participação em reuniões escolares. Enfim, essas e outras questões são complexas porque, a mulher/mãe, precisa trabalhar e ser a provedora do lar. Com tantos afazeres, como sobressair em meio a estas situações? que tempo lhe sobra para auxiliar seus filhos?

Ao falarmos em família e mulheres, é necessário ressaltar a família e a mulher negra. Conforme GEBARA & GOMES, (2011, p. 127):

Estudos que abordam a passagem da escravidão para a sociedade industrial, no tocante à família brasileira tiveram no geral, a tendência de mostrar que a família branca saiu ileso, foi possível continuar com a sua família organizada, formada pela mãe, pai e filhos. Ao passo que para os negros não foi possível construir suas famílias, ao molde patriarcal exigido pela sociedade industrial.

Para o autor Florestan Fernandes (1964) citado pelas autoras GEBARA & GOMES, (2011, p. 127), por exemplo:

Além de reafirmar a desestruturação da família negra como consequência da escravidão e de sua condição de classe parte, sem discussão, da existência de um modelo de família supostamente ideal e correto: o patriarcal. Em sua concepção, a família negra se apresenta como um problema ou desafio para a sociedade.

Devido ao perverso processo histórico da humanidade, que hierarquizou a questão de raça, os negros tiveram e tem dificuldades de acessar direitos em uma sociedade racista e preconceituosa. GEBARA & GOMES (2011, P. 130), afirmam que no processo de busca de leituras sobre a família negra brasileira, foi encontrada uma vasta literatura sobre o negro brasileiro de maneira mais geral. Na bibliografia existente as preocupações variam muito de um autor para outro, mas a desmitificação da “democracia racial brasileira”, as denúncias de preconceito e de discriminação, são constantes. Contudo, há uma escassez de trabalhos que focalizem de maneira mais sistemática a família negra e as formas como educam seus filhos e filhas.

Sendo assim, destaco que o processo educacional, entendido de maneira ampla, é uma das funções mais importantes da família, de modo geral, e da família negra de modo especial, já que, esta além de formar as crianças para a vida em sociedade, terá que prepará-las para condições especiais, pois a criança negra terá que enfrentar, desde a mais tenra idade, situações de discriminação e racismo (GEBARA & GOMES, 2011 p.131).

6.2 SOCIALIZAÇÃO

O processo de socialização é relevante para a construção das sociedades em seus mais diversos espaços sociais, pois é através deste processo que as pessoas interagem e se integram, como membros de uma dada sociedade. O processo de socialização vem se alterando, e até um tempo atrás, os meios de socialização do indivíduo era via as instituições primária e secundária. Conforme Van Zanten e Duru-Bellat (1999 apud SETTON, 2005, p.337) os estudos clássicos da Sociologia da Educação, abordam dois espaços de socialização tradicionais - a família e a escola.

A Família como pilar de uma sociedade, é responsável pelo processo de socialização do indivíduo, a mesma é responsável pela primeira educação,

contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento do mesmo. Conforme FRANCO (2015, P. 3), a partir do nascimento da criança, a família inicia sua socialização, impondo padrões de comportamento, hábitos, costumes, padrão de linguagem, maneiras de pensar, agir e expressar. Este processo de socialização é aprimorado e lapidado na escola, a qual é considerada uma agência social que complementa essa formação familiar.

Para Franco, (2015, P. 11), a escola não é a única responsável pela educação de uma criança. Tal processo deve ser compartilhado com a família e não ser transferindo esta responsabilidade somente para a escola. No decorrer da socialização de um indivíduo, ele entrará em contato com um enorme número de contextos e grupos sociais que lhe apresentarão a um grande número de visões significativas do mundo social. (Rodrigues, 2017)

Socializar, nesse sentido, é o ato de se tornar social, e este processo se dá através das relações sociais entre os indivíduos, por toda a vida. Para SETTON, (2005, p. 342,) é importante a heterogeneidade dos espaços em que se produz e se troca informações, saberes e competências. No entanto, entendemos que o processo de socialização está ligado aos hábitos culturais que nada mais é do que um sistema de valores e normas de comportamento que orientam a prática humana, sendo assim, os indivíduos aprendem e interiorizam regras e valores e as põe em prática.

O processo de socialização, na visão clássica, qualifica-se em dois tipos: socialização primária e secundária. A socialização primária é quando a criança adquire as primeiras orientações, afeto, habilidades intelectuais e sociais. Desta forma, é possível dizer que a família exerce um papel importante neste processo de construção. É a incorporação desse saber de base *na* e *com* a aprendizagem primária da linguagem - oral e escrita - que constitui o processo fundamental da socialização primária, pois assegura a posse subjetiva de um eu e de um mundo exterior (cf. Berger e Luckmann, 1983, pp. 173-190; Dublar, 2000, p. 98, apud SETTON, 2005, p. 340). Assim, concluímos que tanto a família quanto a escola são instituições socializadoras do indivíduo, em seu processo de construção social.

De acordo com Durkheim citação feita por SETTON (2005, p. 338), diferente da família, que atua com ensinamentos de caráter privado e doméstico, a escola surge como complementar a esta, responsável pela construção dos indivíduos com valores morais, e eticamente comprometidos com o ideal público. Na socialização secundária,

o indivíduo já socializado no âmbito familiar, vai interagindo e adquirindo papéis sociais determinados pelas redes de relações.

No entanto, a visão contemporânea entende que o processo de socialização se dá pela diversidade nos espaços em que se produz e se troca informações, saberes e competências. Como dito, no decorrer da socialização de um indivíduo, ele entrará em contato com um enorme número de contextos e grupos sociais que lhe apresentarão a um grande número de visões significativas do mundo social. (Rodrigues, 2017)

6.3 PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Por muitos anos, o processo de ensino- aprendizagem se deu através de uma forma passiva e receptiva, onde o professor tinha a incumbência de passar os conteúdos e o aluno apenas memorizá-lo, como se fosse uma técnica. Para dar embasamento ao que estamos falando, vejamos o que SOUZA, SOUZA E TEIXEIRA dizem:

O importante nessa forma de aprendizagem era que o aluno reproduzisse literalmente as palavras e frases decoradas. A compreensão do que se falava ou se escrevia ficava relegada a um segundo plano. Em consequência, o aluno repetia as respostas mecanicamente, e não de forma inteligente, pois ele não participava de sua elaboração e, em geral, não refletia sobre o assunto estudado. (2014, P.. 2)

A forma de aprendizagem metódica, por muitos anos ficou instaurada nas instituições de ensino. Hoje, já é perceptível que este método está perdendo força, a questão da memorização em torno das disciplinas também, o que estimula o aluno a uma melhor compreensão. Segundo KUBO & BATOMÉ (2001, p. 1), o processo ensino-aprendizagem se dá através do professor e do aluno, ato interativo que parece ser simples, mas é complexo devido aos processos comportamentais e métodos utilizados. Para os autores, “o processo ensino-aprendizagem é um nome para um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e alunos. Para KUBO & BATOMÉ, (2001, p. 4)

É frequente o uso dos substantivos “ensino” e “aprendizagem” para fazer referência aos processos “ensinar” e “aprender”. Raramente fica claro que as palavras referem-se a um “processo” e não a “coisas estáticas” ou fixas. No

entanto, entendemos que a arte de ensinar e aprender é algo contínuo, que está sempre em desenvolvimento.

Um dos maiores nomes da educação brasileira, Paulo Freire foi um educador de uma grandeza expressiva, reconhecido internacionalmente, pela sua maneira de conduzir a educação. Conforme o texto de KUBO & BATOMÉ (2001, p.2),

As contribuições de Paulo Freire foram muito mais longe do que um método de ensino, ou do que uma técnica de alfabetização, embora isso seja percebido por poucos. Elas trouxeram consigo proposições sobre o papel do conhecimento no processo de ensinar e sobre a “realidade de inserção” da pessoa como parte da matéria-prima – talvez, a mais importante – de onde deriva **o que** ensinar aos alunos e recurso ou referencial fundamental para constituir as decisões relacionadas a **como** ensinar.

Na visão freireana, “não existe ensino sem aprendizagem”. [...] “Nessa relação educador e educando trocam de papéis o tempo inteiro: o educando aprende ao passo que ensina seu educador e o educador ensina e aprende com seu estudante.” RIBEIRO, (2015, p.1)

Ainda, para KUBO & BATOMÉ (2001, p. 5), “o conceito de ensinar tem em seu núcleo definidor, um acontecimento necessário: a ocorrência de aprendizagem.” No entanto, para os autores, ensinar é quando o professor realiza o seu trabalho e o aluno tem uma aprendizagem satisfatória, mas para que isso aconteça o ensino precisa ser planejado e elaborado, afim de que facilite a compreensão do mesmo.

Para que o processo ensino-aprendizagem seja eficaz no âmbito escolar, além da interação do professor com o aluno a instituição familiar precisa se fazer presente. Segundo MOREIRA & SILVA, (2015, p. 6) “a relação família-escola precisa ser priorizada e qualificada para que o aluno vivencie os aprendizados de acordo com seus contextos, sejam eles escolar ou familiar.” Ainda, para eles, “é de suma importância estreitar e diminuir ao máximo à distância família-escola, pois ambas têm a criança como foco a ser trabalhado”. Com a missão de priorizar o desempenho do aluno no processo ensino-aprendizagem, família e escola precisam ser parceiras, visando sempre o bem estar da criança.

7 METODOLOGIA

Com base nos objetivos para realização deste trabalho, utilizarei a pesquisa qualitativa, pelo fato da mesma ter um caráter eficiente, e uma visão mais ampla, onde o pesquisador não poderá interferir com opiniões próprias ou intenções. Segundo Goldenberg, (1997, p. 34) citado por SILVEIRA & CÓRDOVA, (2009, p. 31) “o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.” Ainda, para eles, “a pesquisa é a atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar.” No entanto, é possível compreender a relevância da pesquisa qualitativa, pois a mesma não é feita a base de “achismos” ou “suposições”, mas baseada em fatos reais, onde o entrevistador e o entrevistado terão uma aproximação para dinamizar os fatos sociais, relações do cotidiano, entre outros, para um melhor desempenho do trabalho, com resultados concretos.

Para alcançar as metas a que me proponho, utilizarei como recurso a técnica de entrevista que, de acordo com Rosa e Arnoldi (2006) e Luna (1988, p.71) JUNIOR & JUNIOR (2011, p. 238), explicitam a pesquisa como “uma atividade de investigação capaz de oferecer e, portanto, produzir um conhecimento novo a respeito de uma área ou de um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já se sabe”.

Ainda, com base nos autores citados, pretendo fazer entrevistas, focando coordenadores, professores e pais de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma determinada escola pública e, a partir daí, compreender melhor como é a relação entre a família e a escola, a partir das informações coletadas, Para Gil (1999), mencionado por JUNIOR & JUNIOR, (2011, p. 241), a entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais. Também, de acordo com a descrição por parte dos autores, podemos entender a grandeza da pesquisa qualitativa como nos descreve Bauer e Gaskell (2000), JUNIOR & JUNIOR, (2011, p. 241) “a compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para explicar alguns achados específicos.”

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aline M. Silva. *Evolução histórica do processo ensino-aprendizagem*. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Evolu%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica-do-processo-ensino-aprendizagem.aspx>>. Acesso em 14.12.2017
- ALMEIDA, Emanuelle Bonácio. *A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA: A influência da família no desempenho escolar do aluno*. Campinas, 2014.
- BEAUCHAMP. Jeanete, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização*. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p.
- CARVALHO, Maria E Pessoa. *Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola*. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100009>. Acesso em: 12.12.2017.
- CASTRO, Jane Margareth e REGATTIERI, Marilza. *Interação escola-família: subsídios para práticas escolares* – Brasília: UNESCO, MEC, 2009. 104 p.
- DESSEN, Maria Auxiliadora, POLÔNIA, Ana Costa. *A família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano*. Paidéia, 2007.
- FRANCO, Marcela Rezende. *A importância da família no processo de aprendizagem na educação infantil*. 2015, <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-familia-no-processo-de-aprendizagem-na-educacao-infantil/134575>> Acesso 14.12.2017
- GEBARA, Tânia Aretuza, GOMES Nilma Lino. *Gênero, família e relações étnicorraciais: um estudo sobre as estratégias elaboradas por mulheres negras e brancas provedoras nas relações que estabelecem com a educação de seus filhos (as)*. Itabaiana. Ano 5, Vol. 10, 2011.
- KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Silvio Paulo. *Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais*. *Interação em Psicologia (Impresso)*, Curitiba, v. 5, p. 133-171, 2001.
- MOREIRA, Magna S Costa e SILVA, Marcelo Gomes. *Relação família-escola: peculiaridades, divergências e concordâncias no processo ensino-aprendizagem*. 2015.
- NOGUEIRA, Maria Alice. *A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/ interrogações sociológicas*. Lisboa, 2005.
- RIBEIRO, Sabrina LUIZA. *Ensino –Aprendizagem*. 2015, Disponível em <<http://educacaointegral.org.br/glossario/ensino-aprendizagem/>>. Acesso em 14.12.2017

RODRIGUES, Lucas Oliveira. Sociabilidade e socialização: a construção do indivíduo. Disponível em <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/sociabilidade-socializacao.htm>. Acesso 12. 12.2017.

SETTON, Maria G Jacinto. A Particularidade do Processo de Socialização Contemporâneo. São Paulo. 2005.

SOUZA, Eulina Castro e SOUZA, Ilana Castro e TEIXEIRA, Regina Vany.2015, <http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Evolu%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica-do-processo-ensino-aprendizagem.aspx>. Acesso em 10.12.2017

<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/relacao-familia-escola-peculiaridades-divergencias-e-concordancias-no-processo-ensino-aprendizagem>. Acesso em: 10.12.2017.